

“EXPRIMIR ISTO QUE FAZ O FUNDO
DO HOMEM”. CORRESPONDÊNCIA
DE NEMÉSIO PARA TORGA¹

CARLOS MENDES DE SOUSA



remontando aos tempos de Coimbra, decisivos na sua formação, Nemésio auto-retratou-se como jovem poeta convivente, mas “extraviado”, isto é, não enfileirado grupalmente em quaisquer direcções estético-literárias dominantes. Foi em 1971, na “Última lição”, na Faculdade de Letras de Lisboa, que, a partir da evocação dos “bons tempos de Coimbra”, e através de um quiasmo instigante, o autor de *O Bicho Harmonioso* se representou a si mesmo como “poeta extraviado”, no meio dos “sábios aquiescentes”, e como “um sábio enganado no número da porta”, no meio dos “poetas maliciosos”². As palavras certas, frequentemente citadas, apontando para um período concreto da vida do autor, assinalam o espírito de independência que havia de marcar a personalidade complexa, multimoda e interrogante, das mais representativas da nossa cena cultural e literária do século XX.

Os vastos tempos de Coimbra foram repletos de vivências intelectuais. Nos anos 20, entre entusiasmos mais ou menos sentidos e praticados em frentes diversas, publicou textos em jornais de pendor republicano, revelando-se próximo do pensamento de António Sérgio; transitou de curso duas vezes e reconheceu magistérios que o marcaram, como o de Paulo Merêa e de Carolina Michaëlis de Vasconcelos,

ou ainda, fora das aulas, o de Joaquim de Carvalho, com quem dialogou, enquanto trabalhava como revisor da Imprensa da Universidade; colaborou literariamente no nº 1 de *Byzancio* (1923), e ligou-se a poetas tão diferentes como Afonso Lopes Vieira e Afonso Duarte. Em 1924, foi um dos fundadores de *Tríptico*, revista que de certa forma anuncia a *presença*. A partir de meados da década de 30, permanece na cidade, não permanecendo; primeiro, a estada em Montpellier, depois em Bruxelas e, por fim, Lisboa. Coimbra continua a ser um reduto, onde a família se mantém, e onde o poeta continua a conviver sempre que pode com sábios e poetas. Nemésio fala mesmo da existência de um “grupo”, neste período determinante da sua trajetória pessoal e literária.

Na carta inédita que aqui se apresenta surge uma referência clara a esse grupo de que faz parte o destinatário da carta: “O nosso grupo aí de Coimbra só é puro na medida em que assenta sobre a humanidade de cada um de nós, do calor que damos uns aos outros. Isso é que a gente deve guardar acima de tudo. [...] E firmes, hein? Firmes uns aos outros”. Numa conhecida fotografia tirada no parque da cidade³, podem ver-se alguns dos elementos do grupo, que as cartas ajudam a reconstituir: além de Nemésio, António de Sousa, Paulo Quintela, Miguel Torga e Afonso Duarte, este, mais velho, com um ascendente muito particular sobre a novel “geração”. Convém ainda referir aqui o nome de Martins de Carvalho (muito próximo de Torga e de Quintela), que não aparece na referida fotografia, e que também é nomeado com frequência na correspondência de Nemésio.

No espólio de Miguel Torga existem 13 cartas e um bilhete-postal que lhe foram enviados por Vitorino Nemésio. No contexto da temática religiosa, que domina a primeira carta do referido acervo, escrita a 8 de Janeiro de 1939, antes daquela que aqui se divulga, Nemésio refere-se ao grupo de tertúlia do café como “a cristandade da Central”: “Mas eu calo já esta tuba... Escreva-me. Fale-me dos nossos, dessa cristandade da Central. Tivesse eu unhas para lhes pregar a boa nova! Mas nem sequer para a arrancar de dentro deste coração de papel pardo. // Abraços ao Martins, ao Sousa e ao Quintela, e que lhes escrevo”.

O período marcante do relacionamento entre Nemésio e Torga decorreu entre os últimos anos da década de 30 e os primeiros da década seguinte. São deste período as cartas conservadas no espólio de Torga, escritas justamente entre 1939 e 1941. Aliás, foi na casa da família Nemésio que Torga conheceu a futura Mulher, numa ocasião em que Andrée Crabbé, que em Bruxelas fora aluna de Nemésio, se deslocou a Coimbra nas férias, para participar, na Universidade, num curso de Português para estrangeiros. No referido “grupo de Coimbra”, o autor de *Contos da Montanha* revelou-se um interlocutor privilegiado do escritor mais velho, que, cultor de uma obra singularíssima, reconheceu e admirou a força e a novidade do trajecto literário torquiano. O relacionamento prolongou-se por mais tempo, tendo havido posteriormente um esfriamento, patente nas linhas que Torga dedicou a Nemésio em *A Criação do Mundo* (*O Quinto Dia* e *O Sexto Dia*).

As cartas permitem-nos reconstituir alguns elementos biográficos, relativos aos dois autores, e achegas relevantes de âmbito histórico-literário do panorama português. Assinale-se igualmente, nas cartas de Vitorino Nemésio, a existência de traços idiolectais (nas reflexões, no humor, na ironia, nas comparações, nas descrições, enfim, na exuberância estilística) que marcam a admirável e encorpada prosa do escritor.

No encontro entre Nemésio e Torga deve destacar-se uma particular afinidade que os aproximou: a clara posição crítica em relação a Régio e ao grupo da *presença*, que subjaz ao sentido emancipatório das obras de ambos os autores em processo de afirmação. Foi neste contexto que surgiu um poderoso elo unificador, o projecto da *Revista de Portugal*, que, tal como o referido grupo da Central, se alimentou em grande parte de um espírito de dissidência. Fátima Freitas Morna analisou exemplarmente o rasto da fantasmática sombra presenciista em Nemésio. Segundo a estudiosa, nesse período de Coimbra, o autor de *Mau Tempo do Canal* amadureceu uma obra que o ligou ao “chamado segundo modernismo, que em poucos autores como nele realizou a perfeita *grafia da vida* ambicionada por uma literatura viva, cerne do programa estético regiano e presenciista, determinante na etapa coimbrã da formação do autor, ainda que tão ambigualmente assumido nas suas sinuosas e problemáticas relações geracionais”.⁴

Nas suas “Notas Autobiográficas”, Vitorino Nemésio, reportando-se ao ano de 1937, registou o aparecimento da *Revista de Portugal*; Torga surge referido, no apontamento, sendo justamente assinalado o seu entusiasmo a respeito da publicação:

“1937 (OUTUBRO): n.º 1 da REVISTA DE PORTUGAL, saída como tácita reacção ao proselitismo e grupismo da PRESENÇA, mas contando com eles (Alberto de Serpa o secretário, operosíssimo). Gabriela alentava a RP acolhendo Torga entusiasta, Quintela, A. de Sousa, etc., e trabalhando muito na correspondência e agenda. Torga convívio diário férias Tovim, nossa casa, respirando RdeP e *tour d'horizon* dissidência-presenciista, verdadeira obsessão: ‘arrancar’ um poema ou um conto, ‘em pureza’... Ardor e camaradagem...”.⁵

Se a afirmação de Torga na cena literária é absolutamente indissociável desse obsessivo gesto ruptural, sendo digno de nota o modo como o escritor regressou ao episódio nos relatos autobiográficos, podemos observar que a interlocução epistolar entre os amigos incide repetidas vezes nesse ponto; veja-se a ironia de Nemésio em carta enviada a 24 de Dezembro de 1939, quando Torga se encontrava detido no Aljube: “Adeus! Ao Aljube não chegam coisas finas como a *Presença*? Pois eu vi-a ontem. Leia, leia, que lá vem na Sinfonia da abertura, um piropozinho para o *Sinal*. V., o Branquinho e o Bettencourt são propriamente e paternalmente convidados a reentrar no seio da ortodoxia, sob o anel do Pescador. Veja agora lá se se fecha àquele coração paternal...”. A relação desencontrada entre Régio e Nemésio é fundamental para se compreender plenamente a emergência e o desenvolvimento da

Revista de Portugal. Isabel Cadete de Novais e Manuela Vasconcelos, na apresentação do volume de correspondência entre Nemésio e Régio, observam a existência das tensões entre os dois escritores, historiando esse relacionamento, que teve como ponto de desacerto principal as duas publicações de que eram directores, ainda que o autor de *Eu, Comovido a Oeste* tivesse publicado poemas na *presença* e Régio tivesse colaborado em diversos números da revista dirigida por Nemésio; significativamente, no espólio deste escritor existe um dossier ordenado por sua Mulher, Gabriela Nemésio, com o nome «*Revista de Portugal*, cartas da polémica com os presencistas»⁶.

Se por um lado, Torga sentiu a necessidade de participar em projectos colectivos, depressa percebeu, tal como Nemésio, que o seu caminho passava por uma distinta via personalizada. O entusiasmo com a *Revista de Portugal*, acima referido, e o sentido de independência estão presentes na leitura que, muitos anos depois, fez dos acontecimentos, reivindicando mesmo algum protagonismo no processo, quando, em *O Sexto Dia* de *A Criação do Mundo*, se reportou à revista, designando-a por *Momento*:

“A tentativa generosa de conciliação que fizera em tempos com o Gonçalo [Martins de Carvalho], o André [Paulo Quintela] e o Santos [Nemésio] não resultara. Resolvemos fundar uma revista – *Momento* [*Revista de Portugal*] – onde coubessem as várias tendências desavindas. Por ser o mais neutro dos quatro, ficara o Santos director, como delegado dos restantes. Saíram nela alguns textos significativos. O espírito da *Vanguarda* [*presença*] amadurecera em fiéis e dissidentes. Todos sabíamos agora que o artista nem podia ser um mero contemplador de estrelas, alheado da realidade, nem um simples relator dos conflitos sociais, subordinado a estreitas disciplinas ideológicas. Que tinha de conhecer as raízes temporais dos valores perenes que servia, sem fazer concessões às facilidades da inspiração ou render preito ao consenso equívoco das correntes em voga. E cada qual, segundo as suas capacidades, dava testemunho dessa consciência e dessa maturidade”⁷.

Na correspondência que Nemésio vai enviando ao amigo, a *Revista de Portugal* é evocada e destacada em contextos diversos, a propósito da visão do mundo ou do estado exaltante do momento criador. Logo na primeira carta conservada no espólio de Torga, enviada de Bruxelas em 8 de Janeiro de 1939, escreve: “Espero que V. não me julgue para aqui algum apóstolo fácil ou convertido chic. Estou na mesma. O meu orgulhozinho enfeitado de humanismo e de REVISTA DE PORTUGAL bem apresentada é o mesmo”. Em Janeiro do ano seguinte, Torga está no Aljube, preso pela Pide. Nemésio continua a falar-lhe da publicação agora apenas designada como a “Revista”:

“A Revista está sempre a sair. Ainda não vieram provas de *Jornal*. Vem um longo ensaio do Proença sobre Nietzsche. Vou cuidar a fundo do nº 10; pense já num longo bocado do *Diário* para ele, visto que prosa já deu e versos açambarco-os eu todos. Parece-me que desta vez tomo balanço para dar os meus

poemas. Quem voltasse ao estado pré-leve em que eles me saíram! V. tem razão: a gente só vive bem nesse estado de exaltação medido à linha...”

Para uma visão mais completa sobre o empenhamento de Nemésio neste projecto, podemos nos socorrer da correspondência trocada com muitos escritores e intelectuais, antes do aparecimento da revista, quando estabelece contactos e faz convites, explicando a sua ideia para a publicação, e quando continua a falar dela, durante o período em que a foi editando. Algumas das suas cartas apresentadas na exposição “A Rotação da Memória”, na Biblioteca Nacional, no âmbito do centenário do seu nascimento, permitem-nos ler esse entusiasmo editorial, revelado na enunciação dos propósitos programáticos. Por exemplo, numa carta para Adolfo Casais Monteiro (30 de Abril de 1937), quando anuncia o projecto ao poeta presencista: “Essa revista seria um grande ponto de encontro de todos os que escrevem com decência em Portugal e se entendem sobre um mínimo de costumes literários e hábitos de espírito”; ou em carta dirigida a João Falco (Irene Lisboa), em 5 de Agosto de 1937, em que fala do modo como “toda a gente da *presença*” acolheu o projecto “com a vontade de pôr um pouco de ordem e de largueza na literatura nacional, e até em toda a literatura de língua portuguesa”. Outros ecos podem ser recuperados a partir de outras colecções epistolares. José Bettencourt da Câmara fala dos pedidos de colaboração para a revista, solicitados a Lopes Graça; numa das cartas ao compositor, Nemésio faz mesmo referência ao grupo de Coimbra (Bruxelas, 16 de Novembro de 1937)⁸. Na ideação da revista esteve sempre presente a dimensão amplificadora associada a uma perspectiva europeia e moderna da literatura, visão a que não terá sido alheia a estada do autor de *La Voyelle Promise* em Montpellier e em Bruxelas. Recorde-se que a *Nouvelle Revue Française* foi apontada como modelo em algumas cartas que Nemésio enviou a futuros colaboradores, a expor as ideias para a revista⁹.

Até ao anunciado fim da publicação, encontram-se nas cartas de Nemésio para Torga notícias sobre o andamento da *Revista de Portugal*. Estas missivas constituem indiscutivelmente documentos chave para a reconstituição da sua história¹⁰: “Vamos a ver se se leva a cruz da Revista ao calvário. Custa-me isto, por tudo. Porque dei más provas de zelo; porque fui inquietar o Quintela sem lhe dar meios para me suceder; etc. mas enquanto aquilo se puder imprimir sem me levarem os móveis, tentarei” (carta datada de 16 de Julho de 41).



No início de 1938, Torga visitou Nemésio em Bruxelas. Este referiu-se àquela visita, em carta a Lopes Graça, de 6 de Fevereiro desse ano (“Passou o Rocha, como um bocado de céu velho...”) ¹¹, e Torga ficcionalizou-a, no seu romance autobiográ-

fico (cf. “O Quarto Dia” de *A Criação do Mundo*, 1939); o relato do breve encontro oferece um retrato de Nemésio, sublinhando-se a prolixidade deste, que, no quarto em Bruxelas, ao mesmo tempo que escreve um artigo sobre Valéry, sob a pressão do prazo de entrega, consegue com naturalidade conversar com o amigo.

As cartas de Nemésio para Torga oferecem-nos igualmente notáveis auto-retratos incrustados; antes de começar a apresentação das suas impressões de leitura de *Bichos*, Nemésio justifica o atraso da carta, com palavras sobre si:

“Mas V. sabe o estado em que estou e perdoa. Desse estado só lhe digo, por hoje, que vai melhorando o mais que pode melhorar um estado torto. Os que contracenam comigo é que dão tudo para essas melhoras, como é da minha lei. E eu, que fui tantos anos um ser que se supunha ou era caiporamente desaparelhado, desentendido, reconheço agora que, pelo menos de há quinze anos para cá, nunca me faltou nada senão capacidade de dar um bocado que fosse do muito que os outros têm esbanjado comigo. Homem de sorte e bicho harmonioso, queimado por suas próprias mãos.” (Lisboa, 4 de Julho de 1940).

Interessa ainda referir o facto de nesse mesmo ano de 1938, em que Torga visitou Nemésio em Bruxelas, ter saído no nº 2 da *Revista de Portugal*, numa nota crítica ao livro *A Criação do Mundo*, um impressivo retrato do seu autor. A nota era assinada precisamente por Nemésio, que, ao apresentar o modo como aquele surgiu e se impôs na cena literária, apontava a questão da relação com a divindade: “Miguel Torga [...] apareceu com as seguintes características: uma espécie de ferida original de um combate com Deus, as unhas cheias de terra a que se agarrou ao cair, e, nesta atitude, uma voz monocórdica, vibrante de orgulho, que lança no coro português um solo desabrido e doloroso”.

Com efeito, as primeiras cartas de Nemésio para Torga, conservadas no espólio deste, escritas no início de 1939, centram-se justamente no diálogo sobre as inquietações religiosas e metafísicas. É esse o tema central da carta que se divulga no presente número da *Relâmpago*. António Valdemar assinalou o facto de a questão religiosa (e concretamente a mensagem do franciscanismo) ter interessado a Nemésio, desde os tempos de Montpellier, período em que escreveu a biografia *Isabel de Aragão, Rainha Santa*, ainda que só nos anos 50 se tornasse explicitada na obra poética; lembra também Valdemar, a este respeito, e partindo da leitura da correspondência de Nemésio para Afonso Lopes Vieira, que é “em 1938/39, quando reside na Bélgica, como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, que se começa a operar a luta entre o homem humano e o homem metafísico” (DN, 17. 12. 2001).

Na carta de 22 de Fevereiro de 1939, que aqui é reproduzida, Nemésio dialoga claramente com a resposta de Torga à sua carta anterior, de 8 de Janeiro. Há precisas referências às palavras do seu interlocutor: “o templo deve ser a nossa dor, a dor de quem é escuro como breu e olha no céu azul a Estrela Sírius”, diz V.». Na sua argumentação, Nemésio utiliza mesmo motivos torguianos como a imagem do homem a trabalhar a terra, ou ainda o reenvio para outros tópicos estruturadores

como “o padre-nosso da velhinha” e o “calor da manada”. E é particularmente interessante verificar como a análise de Nemésio passa por um contraponto das duas personalidades face à escrita e à relação com Deus:

“O homem é um animal de esperança – quem o sabe melhor do que V.! Nunca vi ninguém com mais força de esperança do que V. O seu desespero é um mal entendido interior, um excesso de forma, um *estilo* (no sentido sério da palavra). Se V. conseguir separar o grito vivo do seu ser da voz que costuma trazer-lho, há-de encontrar paciência e paz na sua alma, esperança no seu coração. V. é um homem de muita fé, é sobretudo um homem de caridade. Eu mais dócil a Deus, menos orgulhoso, tenho estas tristes e mesquinhas virtudes médias. Vejo bem Deus, a sua necessidade, a sua evidência; e, com este ponto de partida, não faço nada capaz, ainda hesito, ainda tacteio, ainda tenho pena de deixar as minhas comodidades de livre pensador!”.

As cartas enviadas para Torga reflectem a confiança e a amizade, patentes no diálogo entre os dois autores que, num período fulcral dos respectivos percursos, sem concessões, como quem abre as veias, se entregam inteiros à escrita, razão maior de ser. Assim o resume magnificamente esse poeta extraordinário que é Nemésio, em carta de 27 de Abril de 1941: “Estou cada vez mais desconfiado de que a verdadeira *sorte* de um escritor é sofrer. Expressar isto que faz o fundo do homem e esta beleza de vida é na verdade abrir as veias”.

NOTAS

1. Agradeço a Clara Crabbé Rocha a autorização concedida para a publicação da carta de Vitorino Nemésio para Miguel Torga, integrante do espólio deste escritor.
2. Nemésio, Vitorino, “Última lição”, in *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa, Bertrand, 1974.
3. Foto reproduzida em vários lugares como, por exemplo, no livro de António Valdemar, *Vitorino Nemésio sem limite de idade*, Lisboa, CTT, 2002; ou na *Fotobiografia de Miguel Torga*, de Clara Rocha, Lisboa, D. Quixote, 2000.
4. in *Catálogo da Exposição Vitorino Nemésio. A Rotação da Memória*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001.
5. “Notas Autobiográficas”, 1971, in José Martins Garcia, *Vitorino Nemésio: a Obra e o Homem*, Lisboa, Arcádia, 1978; Martins Garcia agradece a David Mourão-Ferreira o ter-lhe facultado o documento para consulta; texto citado igualmente in *Vitorino Nemésio, A Rotação da Memória, Exposição comemorativa do Centenário do Nascimento de Vitorino Nemésio [1901-1978]*: Núcleo “Formação e carreira”.
6. Cf. Nemésio, Vitorino, *Correspondência com José Régio*, Lisboa, IN-CM, 2007.
7. Torga, Miguel, *A Criação do Mundo*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1999.

8. Além desta carta, há duas outras (11 de Agosto de 1938; 1 de Dezembro de 1938) que apresentam importantes achegas para a história da *Revista de Portugal* e da *presença*. Cf. Câmara, José Bettencourt da, “Vitorino Nemésio e Fernando Lopes Graça” in *Vitorino Nemésio, vinte anos depois*, Lisboa, Edições Cosmos, 1998.

9. “A composição da revista, que se chamaria *Revista de Portugal*, será sensivelmente análoga à da *NRF*” (carta a Adolfo Casais Monteiro, 20 de Junho de 1937); “Orientação sensivelmente a mesma da *NRF*: digo o tom, a tentativa de europeidade” (carta a João Falco, 5 de Agosto de 1937).

10. É interessante observar que muitas das cartas enviadas a Torga são escritas em papel timbrado do “Director da Revista de Portugal”. Cf. Cartas escritas em 9 de Dezembro de 1939; 14 de Janeiro de 1940; 16 de Junho de 1941; 6 de Julho de 1941.

11. in Câmara, José Bettencourt da, “Vitorino Nemésio e Fernando Lopes Graça”, *Vitorino Nemésio, vinte anos depois*, Lisboa, Edições Cosmos, 1998.